

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

DOMINGOS SÁVIO GONZAGA DA SILVA

**Acessibilidade e humanização em contraponto à arquitetura de Ouro
Preto.
Patrimônio deficiente de mobilidade?**

MARIANA
2019

Domingos Sávio Gonzaga da Silva

**Acessibilidade e humanização em contraponto à arquitetura de Ouro
Preto.
Patrimônio deficiente de mobilidade?**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Adriana Bravin

Coorientação: Prof^o. Dr. Felipe Viero Kolinski
Machado

Mariana, MG
2019

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

S586a Silva, Domingos Sávio Gonzaga da
Acessibilidade e humanização em contraponto à arquitetura
de Ouro Preto [recurso eletrônico] : patrimônio deficiente
de mobilidade? / Domingos Sávio Gonzaga da Silva.-Mariana,
MG, 2019.

34 f.+ 01 arquivo de áudio: Acessibilidade em Ouro Preto (21

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal
de Ouro Preto, Mariana, 2019

1. Rádio - Programas - Teses. 2. MEM. 3. Podcasting
- Teses. 4. Monografia. 5. Mobilidade urbana - Teses
- Ouro Preto (MG). 6. Jornalismo - Comunicação - Teses.
7. Cidades históricas - Teses. 8. Acessibilidade -
Ouro Preto (MG) - Teses. I.Bravin, Adriana. II.Machado,
Felipe Vieiro Kolinski. III.Universidade Federal de
Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
- Departamento de Jornalismo. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 659.3(815.1)

: 15

: 1422791

Domingos Sávio Gonzaga da Silva

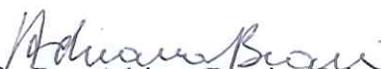
Curso de Jornalismo – UFOP

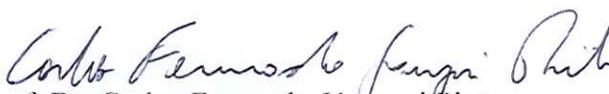
ACESSIBILIDADE E HUMANIZAÇÃO EM CONTRAPONTO À
ARQUITETURA DE OURO PRETO.

PATRIMÔNIO DEFICIENTE DE MOBILIDADE?

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do/a Profa. Dra. Adriana Bravin e coorientação do Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado.

Banca Examinadora:


Profa. Dra. Adriana Bravin (Orientadora)


Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto


Profa. MSc. Kamilla Morando Avelar

Mariana, 17 de julho de 2019.

“A verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação EU - TU, e não em termos da relação EU - ISTO”

- Martin Buber.

RESUMO

Este trabalho pretende discutir a acessibilidade nas cidades, com foco em Ouro Preto, ouvindo quatro moradores deficientes que explicam como é transitar pela cidade histórica, seus principais desafios e dilemas. Para atingir o objetivo, escolheu-se um produto em formato *podcast*, que favorece acessibilidade de conteúdo e maior possibilidade de divulgação em plataformas digitais.

Palavras chaves: Acessibilidade, Ouro Preto, mobilidade, patrimônio.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Barreiras e humanização	9
1.1.2 O corpo e o direito de estar no mundo	12
1.1.3 O que diz a legislação	14
2. O Podcast	15
2.1 A proposta: formato.....	15
2.1.2 Provoca Ação.	16
3. Relatório de produção	17
4. Roteiro de Gravação	19
5. CRONOGRAMA	32
REFERÊNCIAS:.....	33

1. INTRODUÇÃO

Contar histórias, narrar fatos, refletir sobre a experiência humana e convidar o público a participar como ouvinte. As linhas deste produto jornalístico foram traçadas pela modalidade radiofônica, no formato de *podcasting*. Uma análise realizada com a consultoria Blubrry avaliou que, em 2016, existiam cerca de 40 mil *podcasts* contabilizados pelo mundo. Já no Brasil, de acordo com a pesquisa, havia mais de 1.400 *podcasts* ativos (KISCHINHEVSKY, 2017).

Essa modalidade radiofônica é objeto de estudos de diversos pesquisadores, como Castro (2005), Lemos (2005), Primo (2005), Herschmann e Kischinhevsky (2008), Gallego Pérez (2010). Dentre outras discussões, os autores abordam a atual facilidade de produção e distribuição de conteúdos radiofônicos, proporcionada por softwares de edição de áudio mais acessíveis e gratuitos.

Neste trabalho, escolheu-se por produzir uma peça sonora em formato *podcast*. A escolha favorece a veiculação e divulgação da pesquisa, dando-lhe alcance a diversos públicos por meio da plataforma que se instalará. A proposta do produto foi apresentar aos ouvintes, incluindo-se tanto pessoas com deficiência quanto pessoas sem deficiência, algumas das dificuldades enfrentadas por quem possui mobilidade reduzida na cidade de Ouro Preto. Quais os obstáculos encontrados diariamente por essas pessoas e seus familiares? Como é andar pelas ruas da cidade, usar o transporte público e lutar por respeito? O projeto nasceu a partir de uma experiência pessoal: minha mãe tem escoliose, o que a tem impossibilitado de realizar atividades corriqueiras, como ir à missa por causa do desvio na coluna ela tem dificuldade de subir as escadarias de algumas igrejas ou de sentar nos bancos que são estreitos. Até mesmo usar o transporte público é problemático devido à trepidação e sacolejo deste meio de transporte devido ao que calçamento irregular e buracos encontrados nas vias públicas de Ouro Preto.

Para realizar o *podcast*, nos inspiramos em dois grandes trabalhos de radiodifusão que constroem suas narrativas a partir de histórias de pessoas de diferentes profissões e camadas sociais o projetos Humanos: “histórias reais sobre pessoas reais”¹ e o Rádio Ambulante: “Histórias latino-americanas em áudio”². Os dois me instigaram a conhecer a história de pessoas que vivem a experiência da mobilidade reduzida na cidade de Ouro Preto a contá-las,

¹ <http://www.projetohumanos.com.br/sobre/>

² <http://radioambulante.org/>

fortalecendo o olhar e a voz desses sujeitos e apontando como a cidade possibilita, ou impossibilita, as condições de independência desses cidadãos. Ao escolher a radiodifusão, o objetivo foi trazer para a discussão, a partir de um relato humanizado, o dia-a-dia das fontes e apropriar-se do ciberespaço para favorecer o acesso a diversos tipos de públicos. Nosso primeiro movimento de pesquisa foi buscar compreender o conceito de deficiência, sua abordagem em diferentes pontos de vista - modelo médico e modelo social - e como, os próprios sujeitos que vivenciam ou vivenciaram as barreiras impostas pela sociedade produziram reflexões que promoveram um outro olhar, e tratamento, sobre a deficiência.

1.1 Barreiras e humanização

Reflexões relacionadas às pessoas com deficiência são muito abordadas de forma teórica. Entretanto, um sociólogo chamou a atenção dos leitores do jornal britânico *The Guardian* com uma carta, em 1972. Paul Hunt, sociólogo e deficiente físico, mostrou ao mundo que ser restringido de algum sentido não o tornou incapaz. Nos anos 1960, Hunt foi um dos precursores do modelo social da deficiência no Reino Unido. O sociólogo provocou um novo olhar para o deficiente e o significado de deficiência. A carta contribuiu para que as pessoas com deficiência pudessem ser “inseridas” na sociedade como seres atuantes. A publicação da carta foi um marco nessa luta, pois a partir daí uma pessoa com “lesões físicas severas” pôde ser percebida para além da lesão, como exemplifica este trecho da carta:

Senhor editor, as pessoas com lesões físicas severas encontram-se isoladas em instituições sem as menores condições, onde suas ideias são ignoradas, onde estão sujeitas ao autoritarismo e, comumente, a cruéis regimes. Proponho a formação de um grupo de pessoas que leve ao parlamento as ideias das pessoas que, hoje, vivem nessas instituições e das que potencialmente irão substituí-las. Atenciosamente, Paul Hunt. (CAMPBELL, 1997, p. 82, *apud* DINIZ, 2012, p. 14)

Como reflexo à discussão aberta nos jornais, quatro anos depois surge a Liga (União) dos Lesados Físicos Contra a Segregação (cuja sigla, em inglês, é Upias). Essa entidade foi a primeira a compreender e discutir a deficiência além do modelo médico, que considera que a pessoa com deficiência necessita de cuidados biomédicos, e a propor e debater as necessidades dos deficientes que não estariam relacionadas somente a tais cuidados. A questão não deveria ser observada como fator individual e, sim, social. Entretanto, um ponto positivo que a Upias apontou em relação ao modelo médico foi ele ter conseguido redefinir a compreensão de lesão e deficiência. Lesão é um termo médico e deficiência é o resultado da discriminação. Com a

Upias, foi a primeira vez que o assunto pôde ser abordado como forma de opressão social, possibilitando a redefinição desses conceitos.

A Liga foi a primeira tentativa de autoclassificação dos movimentos dos deficientes e, ao promover a discussão sobre a diferença entre lesão e deficiência, mudou a forma como a questão passou a ser abordada na sociedade. Para a entidade, a deficiência não deve se fechar em termos médicos, mas sim estar presente nas ações políticas e de intervenção de Estado, isso porque a sociedade ainda tem muito a aprender para promover e incorporar a diversidade.

É muito enriquecedor o debate proposto, pois preocupa-se em esclarecer sobre deficiente, pessoa deficiente e pessoa com deficiência, auxiliando a compreender os termos. De acordo com Oliver e Barnes (1990, *apud* DINIZ, 2012, p. 21), pessoa deficiente ou deficiente demonstra que deficiência é parte essencial da identidade da pessoa e não uma particularidade. Já “pessoa com deficiência” sugere que a “deficiência é propriedade do indivíduo e não da sociedade”. A classificação destes termos se torna necessária para dialogar com a sociedade e discutir a deficiência como uma questão social que, na maioria das vezes, causa a segregação.

Segundo os autores (OLIVER E BARNES, 1990, *apud* DINIZ, 2012), na sociedade capitalista, os deficientes cumprem um papel econômico mantendo uma função somente ideológica, em posição inferiorizada. O sistema econômico propunha um tipo de sujeito merecedor de atenção somente quando produtivo. Essa comparação, em perceber somente o ser social como produtivo, abriu uma discussão entre o modelo médico e o modelo social de deficiência, sendo que o primeiro preocupava-se com a lesão e o segundo, como observado pela Upias, preocupava-se em perceber o sujeito como um ser produtivo. A questão relacionada à deficiência trata, portanto, de compreender o sujeito e perceber, ao seu redor, se há algum tipo de deficiência em relação ao espaço social.

As Upias tensionam a questão dos modelos médico e social, refletindo que o relevante é ponderar sobre o entendimento das questões sociais, a deficiência dos espaços sociais e a possível opressão que esses sujeitos sofrem. A Liga, formada para dar voz aos deficientes em busca de respostas para a questão “por que os deficientes são excluídos da sociedade?”, favorece a reflexão a respeito de “onde está essa deficiência?”.

Quando o assunto foi levantado em 1986, a necessidade era organizar as ideias e debates para que pudessem nortear um modelo de política social. A entrada do tema na área acadêmica proporcionou o debate da deficiência *versus* lesão e a revisão didática sobre o sujeito deficiente e o sujeito com deficiência. Nomenclatura que chama atenção nos debates é a abordagem do termo normalidade, que foi utilizado pela medicina para direcionar-se ao sujeito deficiente.

Politicamente, a discussão de lesão e deficiência sempre coloca em questão os significados. Em 1982, as novas definições da *Disabled People's International* (DPI), entidade internacional criada para reunir movimentos nacionais de deficientes, propunha que “deficiência” significava as limitações funcionais dos indivíduos causadas por lesões físicas, sensoriais ou mentais; e “*handicap*” é a perda ou limitação de oportunidade de participar na vida normal da comunidade, em igualdade de condições com os outros indivíduos, devido às barreiras físicas e sociais. (*Disabled People's International*, 1982, p. 105 *apud* Diniz, p. 34, 2012). É interessante perceber como as terminologias sugeridas pela Upias e DPI, na vanguarda dos estudos de deficiência/lesão, seguem em discussões até os dias atuais. A primeira utilizava o termo deficiência e a segunda *handicap*, que abarca o universo do sujeito deficiente.

Dentre muitos estudos, Oliver e Barnes (1998, *apud* DINIZ, 2012) lembram os impasses com relação ao que seria a lesão que submeteria um sujeito a deficiência ou se é a lesão que denomina um sujeito deficiente. Os autores redefinem o termo: “Deficiência: desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco a pouco ou nada considera as pessoas que possuem lesões e as exclui das principais atividades da vida social” (UPIAS, *op. cit.*, p. 3-4 *apud* Diniz, 2012, p. 18).

A redefinição retira a referência de lesão física e rediscute as lesões que poderiam ser analisadas socialmente como deficiência. O objetivo dessa definição é questionar o modelo médico, que valorizava a classificação das lesões como física, sensorial, psicológica e mental. Desse modo, elas foram divididas em intensidades – leve, moderada e grave –, de certa forma isentando a sociedade da sua responsabilidade em dar visibilidade ao deficiente.

O modelo médico, para Oliver e Zarb (1997, p. 197 *apud* DINIZ, 2012), seria responsável pela segregação das comunidades dos deficientes. Isto porque a definição médica e a “separação” que este modelo determina dão maior visibilidade aos que consideram ter determinado tipo de lesão de maior gravidade.

Entretanto, é necessário o reconhecimento da medicina perante as questões do sujeito com deficiência. A Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou um catálogo classificando as lesões e deficiências, parecido com a publicação da Classificação Internacional de Doenças (CID). Já a Classificação Internacional de Lesões, Deficiências e *Handicap* (ICIDH) teria o objetivo de estruturar a linguagem biomédica relacionando lesão e deficiência. A OMS, por sua vez, apontaria a relação de doenças da CID e incorporaria a lesão e o resultado dessas doenças para estabelecer coerência entre doença, deficiência, lesão e *handicap*.

Entretanto, há controvérsias, pois a OMS propõe um retrocesso se pensarmos nos avanços sociais, pois a deficiência seria, de acordo com a organização, a consequência de uma

lesão no corpo de um sujeito considerado “normal”. Tratando o sujeito dessa forma, entra em cena o debate sobre o conceito do que seria o “normal”. Mencionar normalidade em questões de sociedade e saúde é algo bem delicado, principalmente quando se trata de deficiência, sendo aquele um termo erroneamente empregado. É preciso perceber o que está sendo apontado como normalidade e anormalidade, uma vez que, conforme Diniz, é por meio do corpo que se reclama o direito de estar no mundo.

1.1.2 O corpo e o direito de estar no mundo

No livro “Anatomia da Diferença”, Pereira (2008) nos auxilia a ampliar a compreensão sobre a deficiência, já que discorre sobre o tema a partir de sua vivência e experiência como pessoa com deficiência. No caso de Diniz, ela é, como eu, observadora da experiência externa, somente narrada, do ser deficiente. Nesse sentido, algo que chama atenção nos estudos da deficiência é ter sempre como debatedor o sujeito deficiente falando do deficiente, o que auxilia a engrandecer o debate. As definições sempre ponderam para esclarecer que, independente da lesão, o importante é perceber que há um sujeito, como outro qualquer, que necessita ser compreendido e ter seu espaço respeitado.

Em sua obra, Pereira (2008) nos convida a conhecer o cotidiano da deficiência e suas perspectivas, identidades e variações, de forma mais palpável em alguns aspectos, até o momento abordados de maneira teórica. O autor nos apresenta o termo diversidade funcional, utilizado, principalmente por países de língua latina, para referir-se a pessoa deficiente. Explicita a “deficiência” em sua vida, como recebeu a notícia da sua nova configuração funcional, estar em uma cadeira de rodas, e a dificuldade de receber a notícia, que de acordo com o autor, “não há um termo que possa descrever a situação em si” (PEREIRA, 2008, p. 135). A experiência de Pereira propicia fazer uma relação com a obra de Diniz (2012), uma vez que, por vivenciar a diversidade funcional, o autor praticamente pontua aspectos de sua vivência e bem menos a temática abordada pelo modelo médico. Considero que, independente de classificar como deficiência ou diversidade funcional, um termo não deve rotular um sujeito, restringi-lo ou colocá-lo em formas. O importante é respeitar as limitações de cada ser humano e conceder o direito à acessibilidade.

O autor considera como desastroso o uso do termo incapacidade, pois, de acordo com ele, se uma pessoa não consegue mais andar, ver ou ouvir, pode-se observar que tais ações são “uma restrição decorrente de uma perda de função” (PEREIRA, 2008, p. 136). Ele argumenta

que é lamentável atribuir incapacidade a uma pessoa que tenha essas restrições, pois um ser não se limita somente a essas ações.

A deficiência foi inventada, construída ou determinada a partir dessa nova maneira de funcionar. Ou seja, o “termo deficiência” desvirtua e deprecia a variação funcional. (PEREIRA, 2008). Pereira aponta, ainda, outras palavras que percorrem o cotidiano da pessoa deficiente, uma delas é a desvantagem, que geralmente é definida como perda, limitação, dificuldade que procede de uma deficiência.

Sobre as desvantagens, Pereira (2008) e Diniz (2012) concordam que elas estão mais explícitas quando levadas para o dia-a-dia. Quando o termo desvantagem vai para o território teórico, fica ausente das questões médicas e sociais. Pereira diz que desvantagem e deficiência não devem ser palavras pertencentes, vinculadas uma à outra. Os dois termos podem, na verdade, ser afetados pelo ambiente em que se vive, ou seja, o ambiente social em que se debate ou insere o assunto.

As questões sobre deficiência e desvantagem vão além dos espaços físicos, abrangendo as políticas públicas e sociais, assim, se essas questões fossem pensadas como relevantes, não seria necessário abordar condições de capacidade. Por isso, é importante retratar o universo dos idosos, sendo a velhice o primeiro passo para que um indivíduo compreenda a acessibilidade. A leitura de “Anatomia da Deficiência” (2008) clareou a compreensão de que algumas pessoas só se tornam solidárias a uma causa quando têm a vivência da questão. Assim, pode ser necessário viver determinada situação para tornar-se sensível à necessidade de mobilidade em nossa sociedade.

Diferente de Diniz (2012), que não mencionou em nenhum momento questões relacionadas a religiosidade, Pereira (2008), reflete sobre as bases religiosas, os conflitos de culpa, de aceitação, de caridade disfarçada de gentileza e compaixão. O autor menciona questões relacionadas ao sentimento de culpa que está presente em algumas formas de deficiência, principalmente em relação à família da pessoa com deficiência e seus pais. Perguntas recorrentes como, “por que eu?”, “por que comigo?”, “por que com meu filho?”, travam um diálogo com o sobrenatural, como se a deficiência fosse um castigo recebido pela família.

O autor também aborda como algumas religiões veem o indivíduo com mobilidade reduzida. Em algumas culturas, as pessoas com deficiência eram isoladas e até mesmo assassinadas, porém, a partir do século XVIII, a igreja, considerada uma instituição de caridade, reenquadra essas pessoas na sociedade, considerando-as possuidoras de alma e, sendo assim,

poderiam ser consideradas filhas de Deus. Foram reduzidas as formas de tortura, abandono e maus tratos e as pessoas com deficiência foram encaminhadas para casas de caridade.

Tais espaços, de acordo com Pereira (2018), só fortaleciam o atestado de invalidez das pessoas deficientes. Somando às questões trazidas por Diniz, como incapacidade, os apontamentos de Pereira demonstram que a associação de invalidez, caridade e o diagnóstico médico tiveram efeitos negativos, favorecendo sempre um olhar de incapaz sobre o sujeito com deficiência, levando essa pessoa à condição de “coitado”.

As conclusões de Pereira (2008) podem ser associadas à carta do sociólogo Paul Hunt ao jornal inglês *The Guardian*, em 1972. Quando Pereira cita a prontidão para a ajuda não solicitada pelo sujeito com deficiência e a “generosidade” em ajudá-lo, ele conta que a pessoa na cadeira de rodas é vista, na maioria das vezes, como um indivíduo que não tem capacidade, como alguém que necessita pedir esmolas para sobreviver. Isso reflete o pensamento expresso por Hunt em sua famosa carta, uma vez que o sociólogo criticou o fato de a pessoa deficiente ser conduzida para o lugar de alguém que sempre está precisando de ajuda, ou necessitando de algo que “nós” achamos que necessita, o que torna essas pessoas seres incapazes de responder perguntas ou travar um diálogo próprio. A carta ainda é muito atual por tornar explícito que, se um sujeito possui a atividade funcional reduzida, não necessita de atenção ou cuidados especiais, pois pode e quer manifestar sua opinião e questionamentos.

1.1.3 O que diz a legislação

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/2015, no artigo 1º, assegura o incentivo as condições de igualdade e liberdade, que proporcione inclusão social e cidadania à pessoa com deficiência, PcD. Entretanto, em relatos colhidos junto a pessoas deficientes durante o processo de pesquisa deste produto, pude perceber que, na maioria das vezes, a principal queixa é a invisibilidade e o despreparo da sociedade para lidar com essa situação.

Um exemplo da aplicação da lei seria um PcD receber orientação de forma humanizada quando vai buscar informações em determinado lugar, porém, grande parte do comércio, das instituições e de locais como museus não possui profissionais treinados para saber como oferecer um bom atendimento ao deficiente.

De acordo com o site Think Olga (2016), dados do censo demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 23,9% da população do Brasil vivência a experiência de alguma deficiência, sendo mais de 45,6 milhões de pessoas.

Ouro Preto tem cerca de três mil deficientes inscritos na Associação Comunitária dos Deficientes de Ouro Preto (ACODOP), alguns deles, de acordo com a direção da associação, preocupam-se somente com a gratuidade da carteirinha de passe livre nos ônibus, mas são instruídos de que podem exigir muito mais, como igualdade e direitos à acessibilidade e ter um intérprete de libras no caso de pessoas com surdez para estudar e conviver em sociedade.

2. O Podcast

Que narrativa construir para abordar e compreender as barreiras relacionadas à acessibilidade e humanização na cidade de Ouro Preto? Para compreender melhor como a cidade acolhe, ou não acolhe, as pessoas com deficiência, é importante ouvir essas pessoas para retratar o ambiente e as possibilidades de acessibilidade e mobilidade que a cidade oferece a esses moradores.

Durante a realização do produto, pretendeu-se experimentar a linguagem radiofônica, já que o rádio, segundo Barbosa Filho (2003), “desde sua gênese, vem se firmando como um espaço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que muito contribui para a história da humanidade. Deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização”. O produto consiste no relato de quatro pessoas com deficiência que vivem na cidade de Ouro Preto, proporcionando uma reflexão sobre as vivências e os dilemas relacionados à convivência nesta sociedade.

2.1 A proposta: formato

Como proposta para o produto foi escolhido o formato de *Podcast*, inspirado no jornalismo imersivo como o do Projeto Humanos e tendo como características o do jornalismo humanizado, permitindo que o ouvinte se sinta convidado a participar da narrativa, como sugerido por Sodré (2009 *apud* Kischinhevsky, 2017). Outra característica da escolha do *podcast* é que ele torna o conteúdo acessível, principalmente para o deficiente visual.

As quatro pessoas com deficiência que contaram suas vivências em Ouro Preto foram: Alexandre Araújo do Nascimento, que se tornou cadeirante após cair da janela, na casa de sua mãe; Hector Pena Simões da Silva, que possui mobilidade reduzida e utiliza muletas para caminhar pela cidade; Júlio César Francisco Gonçalves, deficiente visual desde o nascimento; e Maria de Lourdes Santos, que após um tumor no cérebro, ao seis anos, perdeu a visão.

O trabalho possibilitou, por meio da voz dos próprios envolvidos, contribuir para a compreensão sobre as dificuldades de mobilidade dessas pessoas na cidade. Para isso, me propus a acompanhar um período do dia a dia de cada um deles, relacionando essa vivência às questões abordadas por Diniz (2012) e Pereira (2008), como o que é a deficiência, quais as restrições enfrentadas e o que e como é vivenciar a mobilidade nesta sociedade.

O *podcast* explana sobre a acessibilidade na cidade de Ouro Preto, aborda a relação dos entrevistados e com o patrimônio, possibilita a visão do deficiente sobre a cidade e convida para o debate sobre limitação e exclusão. Cada morador se apresenta e relata sua experiência na cidade, seja em relação ao olhar da sociedade sobre eles ou à locomoção por Ouro Preto, de transporte público ou automóvel próprio.

2.1.2 Provoca Ação.

O projeto recebeu o nome de “Provoca Ação: programa que escuta e conta histórias de pessoas com deficiência na cidade de Ouro Preto”. Com a duração de vinte e um minutos e vinte e quatro segundos, o *podcast* conta as vivências dessas quatro pessoas com a deficiência, além de apresentar a diversidade de seus modos de vida em diferentes bairros – do centro à periferia –, classes sociais e atividades profissionais – autônomos, músicos e aposentados.

Ao abordar como é viver na cidade patrimônio da humanidade, o programa possibilita que os entrevistados mostrem sua própria percepção sobre a ausência de mobilidade e alternativas para uma solução aos problemas enfrentados no cotidiano. Assim, Alexandre Araújo, que se tornou cadeirante, aborda como é usar cadeira de rodas e viver em Ouro Preto. Ele já possuía habilitação para dirigir e, após se tornar cadeirante, adaptou a carteira de motorista e o automóvel, mas relata que de pouco adiantou, pois a cidade oferece quase nenhuma acessibilidade.

Já Hector Pena, morador do Morro São Sebastião, o bairro no ponto mais alto da cidade, trabalha com a esposa em um tele-sanduíche e utiliza o transporte público. Ele relatou que é muito complicado utilizar este serviço que oferece pouca segurança tanto para subir quanto para descer dos ônibus. Outro detalhe que menciona é nunca ter visto um cadeirante andando em um coletivo.

Julio Cesar é vice-presidente da ACOPOD e expõe que a associação é pouco chamada para os debates relevantes sobre o tema deficiência, principalmente quando esses vão impactar diretamente os deficientes. Como exemplo, citou a mudança da catraca dos ônibus que fazem

as linhas distritais, e a implementação da bilhetagem eletrônica. Essas mudanças implementadas pelas empresas de transporte público no início de 2019 impactaram todos os moradores da cidade e, principalmente, os deficientes.

Maria de Lourdes, por sua vez, trouxe a percepção sobre como o deficiente é percebido como alguém sem habilidades e que não pode exercer uma função na sociedade. Ela explicou, ainda, que para conseguir seu primeiro emprego precisou ir até a Assistência Social da Prefeitura de Ouro Preto, uma vez que queria ser empregada e não receber assistência.

3. Relatório de produção

Iniciar a produção deste trabalho foi muito gratificante. Todas as datas estavam sendo plausíveis de serem cumpridas. Toda a evolução do produto ocorreu conforme planejado. Entretanto, o contato com as fontes originou uma mudança geral na gravação das entrevistas. A maioria das fontes inicialmente conectadas desistiu quando iniciou o período das gravações.

A desistência das fontes não atrapalhou a sequência do trabalho. No decorrer do processo e, com a intenção de encontrar novas fontes para as entrevistas, encontrei em um supermercado, Hector Pena, morador do Morro São Sebastião, que utiliza muletas canadenses. Ele fazia suas compras quando o abordei e expliquei sobre meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Prontamente se dispôs a conversar sobre sua experiência com a cidade. A conversa foi proveitosa e ele disse que participa da Associação Comunitária dos Deficientes de Ouro Preto (ACODOP). Marquei de ir à reunião com ele para conhecer a Associação.

Fomos à reunião no dia 16 de fevereiro de 2019. A reunião acontece no antigo colégio Polivalente, hoje atual Escola Ouro Preto, que fica no Bairro Bauxita, em Ouro Preto. Após a reunião, entrei em contato com Júlio César, que é vice-presidente da Associação. Júlio deficiente visual. Conversamos e naquele momento iniciamos uma entrevista, que teve sequência no dia 17 de abril de 2019. Nesta entrevista, convidei Júlio para tocar uma música autoral, para que eu pudesse utilizar no podcast, ele realizou e a disponibilizou.

Em abril, durante reunião de orientação com os orientadores, a professora Adriana Bravin e o professor Filipe Viero, foi mencionada a importância de ter uma voz feminina entre os entrevistados para que o trabalho pudesse ter maior pluralidade. Conversei com o vice-presidente da Associação, que me indicou procurar Maria de Lourdes, pois ela teria disponibilidade para conversar.

Lourdinha, como é mais conhecida, mora no Centro, é cega desde os seis anos e deu uma entrevista emocionante, relatando as dificuldades de ser deficiente visual na cidade de Ouro Preto. Para Lourdinha, ser mulher e negra não representam uma desigualdade, mas ser deficiente é algo que a sociedade não quer perceber. Ela relata esse preconceito do “ser diferente” como o pior a ser enfrentado.

Por fim, Alexandre Araújo, que se tornou cadeirante após um acidente na casa de sua mãe, foi um dos contatos feitos no início deste projeto, mas não entrou de imediato. Durante a conversa com os entrevistados, todos mencionaram que um cadeirante seria a pessoa que mais sofreria com a deficiência na cidade, devido à falta de acessibilidade. Assim, Alexandre integrou este grupo de entrevistados completando um conjunto de vozes cuja diversidade procurou-se alcançar neste produto.

4. Roteiro de Gravação

Acessibilidade em Ouro Preto	
BG de fundo - <i>Always_Be_My_Unicorn</i> - 02'05'' - 02'20''	Provoca Ação - o programa que escuta e conta histórias de pessoas com deficiência na cidade de Ouro Preto.
Locutor Lusciousness 00''00 a 02'40'	O programa Provoca Ação, produto realizado na disciplina de TCC II da Universidade Federal de Ouro Preto, abordará <i>Acessibilidade em Ouro Preto</i> . Para discutir o assunto, conversei com quatro moradores da cidade. Dois têm deficiência física e outros dois têm deficiência visual. O bate-papo foi sobre a importância da acessibilidade para conviver com a cidade. Entre os entrevistados estão: Hector Pena, morador do bairro São Sebastião que tem limitação de movimentos, é autônomo e tem quarenta anos. Júlio César Francisco, do bairro Bauxita, é deficiente visual, tem 53 anos, é músico e massoterapeuta. Alexandre Araújo mora no bairro Jardim Alvorada e perdeu o movimento das pernas depois de um acidente. Ele tem 49 anos e atualmente está desempregado. Maria de Lourdes Santos, que vive no centro histórico e é mais conhecida como Lurdinha, é deficiente visual, está aposentada e tem 59 anos.
Sobe som Lusciousness	
locutor bg - Lusciousness	Reflexões relacionadas a pessoas com deficiência foram, durante a década de 70,

	<p>abordadas de forma teórica, ou seja, classifica a pessoa em dois modelos: o modelo médico, que percebia somente a lesão do indivíduo e o social, que propunha um modelo ideal do sujeito, como cita a pesquisadora Débora Diniz, em seu livro “O que é deficiência”. Este livro traz uma carta publicada em 1972, no jornal britânico The Guardian, pelo sociólogo e deficiente físico, Paul Hunt, que mostrou ao mundo que ser restringido de um sentido não o tornou incapaz.</p> <p>Seguindo esse pensamento, de que deficiência não é sinônimo de incapacidade, como também é reforçado no livro “Anatomia da Diferença” de Ray Pereira, convido você, caro ouvinte, a conhecer um pouco melhor o dia-a-dia destes quatro moradores de Ouro Preto.</p>
Lusciousness	
<p>Locutor bg - Lusciousness</p>	<p>Hector é morador do Bairro São Sebastião, tem 40 anos, auxilia a esposa na produção de sanduíches para tele-entrega.</p> <p>Ele convive com a deficiência desde a infância e possui limitação de movimentos por ter perda de força principalmente na perna esquerda.</p>

Hector - 00'04'' - 00'30''	Meu nome é Hector Pena Simões da Silva, sou natural do Vale do Aço, vim para Ouro Preto ainda muito criança, e fiz a minha vida aqui em Ouro Preto, posso me considerar um filho da terra. Tenho uma deficiência física.
locutor bg - Lusciousness	Hector, em geral, vai ao centro da cidade de duas a três vezes por semana, faz aulas de natação para reforçar os músculos das pernas e utiliza muletas para andar pela cidade. A muleta canadense reforça o apoio de braços e mãos, favorecendo o equilíbrio do corpo.
Hector 02'56 - 03'13''	eu consigo levar uma vida mais tranquila, porque como eu já nasci com esse problema, então eu aprendi a conviver com esse problema, essa limitação.
Locutor bg - Lusciousness	Júlio mora com parentes no bairro Bauxita, é formado em massoterapia pelo Instituto São Rafael, em Belo Horizonte, escola onde aprendeu o Braille e teoria musical.
Julio 1M - 00'14'' a 00'41'	Meu nome é Julio Cesar Francisco Gonçalves, eu sou do distrito de Rodrigo Silva, nascido e criado no distrito de Rodrigo Silva, estou aqui em Ouro Preto, residindo aqui em Ouro Preto há mais ou menos 10, 12 anos, sou deficiente visual de nascença.
Locutor bg - Lusciousness	Atualmente Júlio é vice-presidente da Associação Comunitária dos deficientes de Ouro Preto, a ACODOP.

	Outra atividade que Júlio exerce na cidade é tocar violão no coral de surdos <i>Mãos que Cantam</i> , que ensaia na APAE de Ouro Preto.
Locutor bg - Lusciouness	Alexandre é formado em ciências contábeis, morador do bairro jardim Alvorada, casado e tem três filhos. O acidente que ele sofreu causou um traumatismo próximo à bacia, que lesionou a coluna impossibilitando o movimento das pernas.
Alexandre 00'05'' - 00'22''	Meu nome é Alexandre Araújo do Nascimento. Hoje eu estou com quarenta e oito anos, quase quarenta e nove. É... Há quatro anos, eu sofri um acidente, na casa da minha mãe, estou na cadeira de rodas.
Locutor bg - Lusciouness	Conhecida como Lurdinha, Maria de Lourdes Santos mora com a mãe, irmãos e sobrinhos no centro da cidade. Lurdinha perdeu a visão aos seis anos de idade, devido a um tumor no cérebro. Assim como o Júlio, ela também estudou no Instituto São Rafael, onde aprendeu o Braille e se formou em massoterapia. Lurdinha é a cantora do coral <i>Mãos que cantam</i> , o mesmo em que Júlio toca violão. Os outros integrantes apresentam-se na linguagem brasileira de sinais, também chamada Libras.
Lurdinha - 00'38'' - 00'50''	Eu sou de Ouro Preto, nasci em Ouro Preto mesmo, tenho 59 anos e o meu nome é Maria de Lourdes Santos.
Sons de caros op - 03'20 - 03'25''	

Locutor bg - Lusciousness	<p>Discutir acessibilidade na cidade de Ouro Preto é sempre uma conversa afiada. Todos com quem conversei relatam que a cidade não oferece condições de acesso que favoreçam a liberdade do ir e vir das pessoas com deficiência. A sociedade, na maioria das vezes, discute o que é deficiência no modelo médico que aponta que a lesão leva o sujeito a ser deficiente, abrindo-se questionamentos relacionados a lesões e deficiências. Porém, para os quatro entrevistados, pouco se discute sobre a acessibilidade das pessoas deficientes, por exemplo, pelas ladeiras do município. Quase nada se faz para que eles possam percorrer a cidade sem a presença de obstáculos, seja no centro ou na periferia. E isso independente da deficiência, como reforça Lurdinha.</p>
Lurdinha - 01'00'' - 01'18''	<p>Pro o diferente, pro deficiente, seja ele qual for, o visual, o auditivo, é muito difícil viver em Ouro Preto. Ouro Preto é a cidade da cultura, mas parece que ninguém aqui enxerga ou escuta, porque eles têm muita dificuldade, muita em falar conosco, tem gente que tem medo de falar conosco.</p>
Locutor bg - Lusciousness	<p>Julio percebe que a cidade exclui o sujeito com deficiência. A falta de planejamento no surgimento da cidade, de acordo com Júlio, a torna ainda mais excludente para a pessoa com mobilidade reduzida, ou seja, quem necessita de apoio para transitar pela cidade.</p>

Julio 2 - 13''36'' - a 14''15''	A cidade é imprópria porque quando foi criado isso aqui, não só as cidades históricas, né. A cidade histórica Ouro Preto, mas todas elas. Foi criado para carroça, pra animal, ruas estreitas, com os passeios mais estreitos ainda, então não existia uma engenharia, não tinha uma arquitetura a ser seguida, então era tudo feito sem medida padrão.
sons de carro 00'13''	sons de carro em Ouro Preto
Locutor bg - Lusciousness	Hector, que utiliza muletas para caminhar por Ouro Preto, considera a cidade irregular por ter passeios, em geral, estreitos e ruas desniveladas. Assim como os outros entrevistados, Hector acha que não teria como adaptar a cidade, por ser histórica, tombada pelo patrimônio, ele comenta que nenhum órgão proporcionaria a acessibilidade no centro histórico.
Hector - rua 01'40 - 01'55''	No meu caso aqui, que é uma limitação moderada, igual eu gosto de falar, causa um pouco de desconforto, mas a gente vai, mas agora, para um cadeirante eu já acho que é um pouco complicado
Locutor	Alexandre, que é cadeirante há quatro anos, tem um olhar bem específico relacionado à cidade.
Alexandre 19''55 a 20''24	Não, ela não tem acessibilidade, hoje não. Pode vir a ter. Existem várias coisas que poderiam ser modificadas, vários itens, várias formas de se movimentar, várias,

	<p>outras formas de a gente... Eu falo como cadeirante, como cadeirante.</p>
<p>Locutor</p> <p>bg - Lusciousness</p>	<p>Alexandre dirige seu automóvel, pode ir e vir à rua quando quiser. Entretanto, ele esbarra na questão da mobilidade e da acessibilidade. Apesar de ser habilitado para dirigir e de possuir um automóvel adaptado, a mobilidade de Alexandre se interrompe na limitação que a arquitetura de Ouro Preto impõe a qualquer indivíduo com restrição de movimento que necessite transitar por uma cidade barroca que possui incontáveis ladeiras de pedras irregulares, calçadas estreitas e meios fios de tamanhos e formas desproporcionais.</p> <p>O automóvel oferece mobilidade restrita. A cidade, nem isso.</p>
<p>bg - Lusciousness</p>	
<p>Locutor</p>	<p>A cidade de Ouro Preto, para Júlio, que é deficiente visual, assim como outras cidades, não está preparada para receber a pessoa com deficiência.</p>
<p>Locutor</p> <p>bg - Last_Train_to_Mars</p> <p>Sons de rua em Ouro Preto</p>	<p>Um assunto recente que, de acordo com o Júlio, vice-presidente da Associação Comunitária dos deficientes de Ouro Preto, foi muito discutido na entidade, foi a mudança na catraca dos ônibus e a bilhetagem eletrônica que a empresa prestadora do serviço de transporte coletivo repassou aos beneficiários. A empresa demitiu os auxiliares de viagem, mais</p>

	<p>conhecidos como cobradores, e unificou a entrada das usuárias por uma única porta. Isso causou muito desconforto aos membros da Associação, pois nenhum deles e nem a diretoria foram procurados para dialogar sobre o assunto que atinge diretamente as pessoas com deficiência que utilizam o transporte público. Júlio comentou que a associação sempre procura um diálogo com as instituições responsáveis, porém não há abertura para conversas com os deficientes. Hector, que é membro da Associação também percebe a falta de diálogo com o poder público. Ele vivencia diariamente a falta de acessibilidade nos coletivos. Hector consegue utilizar o transporte público porque usa muletas, mas observa que nunca viu um cadeirante andando de ônibus.</p>
Hector rua - 05'00'' - 05'15''	<p>Quer dizer, igual eu já te disse, aqui em Ouro Preto se muda e depois se pensa. Então, vamos ver, o que é que eles vão fazer com isso aí.</p>
<p>Locutor bg - Lusciousness</p>	<p>Alexandre, que tem habilitação para dirigir, relata como é ser deficiente, cadeirante, dirigir e estacionar na cidade.</p>
Alexandre - 08'00'' - 08'29''	<p>Eu posso pegar o meu carro e ir em qualquer lugar. Eu tenho minha carteira. Eu tinha minha carteira antes do acidente. Quando aconteceu o acidente eu fui, adaptaram a minha carteira, devido ao que eu necessito. Só que não adianta ter a acessibilidade do</p>

	carro se você não tem a acessibilidade do lugar que você pretende chegar.
locutor bg - sons de rua em Ouro Preto	Sair de casa dirigindo seu automóvel, Alexandre consegue, porém, estacionar é um problema, como para qualquer outra pessoa que vive em Ouro Preto, mesmo havendo vagas destinadas a deficientes. A vaga que, em tese, é destinada a cadeirante está, na maioria das vezes, ocupada por alguém que não tem mobilidade reduzida e nas poucas vezes que a vaga está disponível, há outra barreira, ela fica longe, por exemplo, da maioria dos bancos.
Lurdinha - 17'45'' - 18'00''	17'45'' - Para o deficiente, Ouro Preto é uma cidade extremamente proibida. Sozinho não, não convém. É muito perigoso, prejuízo para o deficiente.
Locutor bg - Lusciusness	Lurdinha e Júlio têm formação em massoterapia, porém Lurdinha comenta que não há possibilidade de emprego na região. Das quatro pessoas da cidade que se formaram nesta área, no Instituto São Rafael, em Belo Horizonte, nenhum conseguiu trabalhar como massoterapeuta em Ouro Preto. O deficiente, na sociedade capitalista, possui uma função, muitas vezes, ideológica. A sociedade só valoriza a pessoa quando ela é produtiva para o mercado. Lurdinha trabalhou na FOBS, a Fundação Ouropretana de Bem-estar social. Após conversar com assistente social da prefeitura,

	<p>conseguiu o emprego na FOBS e, como ela mesmo relata, não queria nenhum tipo de auxílio público, Lurdinha necessita de um trabalho como qualquer cidadão.</p>
Lurdinha - 09'30'' - 09'43''	<p>Eu não posso ser uma porteira, porque vai entrar muita coisa lá que eu não vou ver. Cachorro etc., você não acha? Mas eu posso trabalhar no telefone. Eu posso trabalhar o quê... auxiliando alguém em algum sentido.</p>
<p>Locutor - bg - Lusciousness</p>	<p>Uma situação que incomoda tanto ao Júlio quanto à Lurdinha é a assinatura de documentos. Os dois utilizam a guia de assinatura. É como se fosse uma régua vazada no meio que possibilita uma pauta e marca o lugar de assinar.</p> <p>Um constrangimento relatado tanto por Júlio quanto por Lurdinha ocorre quando, por despreparo das pessoas ou instituições, é sugerido que assinem documentos utilizando a marca digital, ou seja, mergulhar o dedo em tinta de carimbo, subestimando a deficiência e eliminando a possibilidade da assinatura escrita. Isso aconteceu quando Lurdinha foi renovar sua carteira de identidade O profissional que a atendeu não lhe ofereceu a oportunidade de assinatura escrita. o que a deixou profundamente magoada. Na carteira está carimbada frase não assina. Por isso, Lurdinha ressalta:</p>
Lurdinha - 11'50'' - 12'02''	<p>Nós não ficamos procurando igualdade. Você sabe disso. A gente quer igualdade.</p>

	Porém, para ser igual a você, é muito difícil para nós.
Locutor - BG - música Julio Cesar	A exclusão dói e quem consegue definir muito bem o que é se sentir excluído é Alexandre.
Alexandre - 25'00 - 25'10''	A exclusão, ela vem sempre quando você não consegue chegar a um determinado fim.
Locutor BG - música Julio Cesar	Ser considerado como pessoa. É isso que qualquer indivíduo deseja. Ter suas diferenças respeitadas. Deficiência e desvantagens vão além de espaços físicos, abrangem questões políticas, sociais e culturais.
Locutor - BG - música Julio Cesar	Hector, que é atleticano de corpo e alma, adoraria jogar bola.
Hector - 19'48'' - 19'55''	Eu gostaria de jogar bola, a minha limitação não me permite, entendeu?
Locutor - BG - música Julio Cesar	Alexandre, que se tornou cadeirante, percebe que, para muitas pessoas, ele se tornou também invisível.
Alexandre - 34'13'' - 34'34''	Nós, como cadeirantes, nós somos pessoas normais, né? Que a gente tem, apesar das pernas não funcionarem, a cabeça funciona, os braços funcionam, tentamos ser pessoas normais, vamos dizer assim, né!
Locutor - BG - música Julio Cesar	A musicalidade é um dom que Júlio partilha com orgulho.
Julio 1 - 06'39 - 07'15''	Olha, pra mim, a música é tudo, é tudo.

	<p>Porque eu nasci em uma família, que, meus tios tocavam, eu já nasci ali dentro então eu posso te falar que, além da arte, ela vai muito além. Porque a música me fez sair do sedentarismo, me fez sair do anonimato.</p>
<p>Locutor - BG - música Julio Cesar</p>	<p>Com 59 anos, Lurdinha se questiona se ainda conseguirá viver em um mundo com possibilidades para todos.</p>
<p>Lurdinha - 27'23 - '27'44''</p>	<p>Se você nunca prestou atenção, presta atenção nisso que eu estou te falando. A pessoa dita normal, ela tem medo de chegar perto da gente. A gente não é bicho não. Nós somos normais, temos dores, alegrias, vontade de aprender igual a qualquer um, sabe?</p>
<p>Locutor BG - música Julio Cesar</p>	<p>O percurso pelas casas dessas pessoas foi algo gratificante. Cada sim recebido era a responsabilidade de contar uma história. A cada não, a vontade de conhecer histórias se multiplicava. A intenção deste trabalho é ampliar o olhar sobre a pessoa com deficiência, mostrar que ela não carrega um atestado de invalidez, incapacidade, muito menos um vitimismo. A pessoa com deficiência precisa garimpar seu lugar na sociedade, como disse Lurdinha, muitas vezes sem voz, principalmente se for mulher. Ou driblar a invisibilidade que Alexandre percebe por ser cadeirante. Não desistir dos sonhos e buscar outros sentidos para harmonizá-los, como o Júlio, ou ser</p>

	<p>perseverante como o Hector. Qualidades de seres normais como qualquer outro: se fazer presente, se fazer corpo e ter o direito de estar no mundo.</p>
<p>BG de fundo - <i>Always_Be_My_Unicorn</i> - 00'00'' - 00'33''</p>	<p>Você acabou de ouvir Provoca Ação, projeto experimental do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Eu sou Domingos Gonzaga, graduando em Jornalismo e esse projeto teve a orientação da professora Adriana Bravin e coorientação do professor Felipe Vimieiro.</p>

REFERÊNCIAS:

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo. Paulinas, 2003

CADENA, Isabel. **Podcast As Filhas de Maria Senhorinha**. 13/fev/2018. Disponível em <<http://radioambulante.org/audio/las-hijas-de-maria-senhorinha>>. Último acesso em: 04/jun/2019.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. 1. reimpr. ed. São Paulo: Brasiliense 2010, c2007. 79 p.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas; ORRICO, Hélio Ferreira. **Acessibilidade e inclusão social**. Rio de Janeiro: Deescubra, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP – São Paulo – novembro de 2017

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática 2008. p. 96.

OLIVEIRA, Lucas. **Conceito de alteridade**. Revista Nova Escola – Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

PALACIO, R.J. **Extraordinário**. tradução Rachel Agavino, 2ª ed. Rio de Janeiro. Intrínseca 2014.

PEREIRA, Ray. **Anatomia da diferença: normalidade, deficiência e outras invenções**. São Paulo: Casa do Psicólogo 2008. 170

PROJETO HUMANOS. **Projeto humanos**. Podcast As filhas da guerra. [s.d.] Disponível em: <<http://www.projetohumanos.com.br/sobre/>>. Último acesso em: 04/jun/19, às 9h.

THINKOLGA.COM. Olga. **Minimanual do Jornalismo Humanizado**. C2016. Disponível em <<http://think-olga.s3.amazonaws.com/pdf/Essoascomdeficiencia.pdf>> Último acesso em: 17/jul/2019.

UFMG. **Eu existo e me movo: experiências e mobilidade de pessoas com deficiência**. c2017. Disponível em: <<https://radioterceiroandarufmg.wordpress.com/eu-existo-e-me-movo-experiencias-e-mobilidade-de-pessoas-com-deficiencia/>> Último acesso em: 04/jun/2019.

UFMG. **Rádio Terceiro Andar UFMG**. c2017. Disponível em: <<https://radioterceiroandarufmg.wordpress.com/>> Último acesso em: 04/jun/2019.

VELHO, Gilberto; **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis:** e como escrevê-los. 2. ed. São Paulo: Summus 2003. p. 162. (Novas buscas em comunicação; v.69)